

ARTIGO

ROTINAS NO WEBJORNALISMO:

multitarefas e pressão do tempo sobre os jornalistas de internet¹

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

SARITA GONZÁLEZ FERNANDES
Universidade de Brasília, Brasil

THAÏS DE MENDONÇA JORGE
Universidade de Brasília, Brasil

RESUMO – A internet implica transformações no jornalismo e nas rotinas dos produtores da notícia. Ao longo do tempo, o exercício do jornalismo em rede agregou outras tarefas a serem executadas pelos profissionais em um mesmo processo de produção da notícia, permeado pela rapidez. O artigo objetiva analisar como as multitarefas potencializam a pressão do tempo nas rotinas produtivas do webjornalismo. Para a análise, foram aplicadas como técnica de pesquisa entrevistas em profundidade com webjornalistas de dois sites de notícias de Brasília. Os resultados apontam que os webjornalistas tendem a se comparar com profissionais de outras mídias e se consideram jornalistas mais multitarefas do que os demais. As multitarefas são interpretadas como um dos agravantes da pressão do tempo nas rotinas produtivas, além de levantarem outros questionamentos sobre o webjornalismo.

Palavras-chave: Webjornalismo. Multitarefas. Tempo. Profissionais. Rotinas.

RUTINAS EN CIBERPERIODISMO: multitareas y presión del tiempo sobre los periodistas de internet

RESUMEN – La internet implica transformaciones en el periodismo y en las rutinas de los productores de noticias. Con el tiempo, el ejercicio del periodismo en red añadió otras tareas para los profesionales en un mismo proceso de producción de noticias, impregnado por la velocidad. Este trabajo tiene como objetivo evaluar como las multitareas potencian la presión del tiempo en las rutinas productivas en ciberperiodismo. Para el análisis, se aplicaron como una técnica de investigación entrevistas en profundidad con periodistas de internet de dos sitios web de noticias de Brasília. Los resultados muestran que los ciberperiodistas tienden a compararse con profesionales de otros medios y consideran que son más multitareas que otros periodistas. Las multitareas son interpretadas como un agravante de la presión del tiempo en las rutinas productivas y llevan a otras cuestiones sobre el ciberperiodismo.

Palabras clave: Ciberperiodismo. Multitareas. Tiempo. Profesionales. Rutinas.

ROUTINES IN WEB JOURNALISM: multitasking and time pressure on web journalists

ABSTRACT – The Internet has brought changes to journalism and the routines of news producers. Over time, professionals in online journalism have had to take on more tasks within the same news making process; one which is replete with speed. This article analyzes how multitasking enhances time pressure in the production routines of web journalism. The research used for the analysis was a collection of in-depth interviews conducted with web journalists from two websites in Brasília. The results from these interviews show that online producers tend to compare themselves with other media professionals. They also believe that they multitask more than other journalists do. Multitasking is seen as one of the aggravating factors leading to time pressure in production routines. It also raises other questions about web journalism.

Key words: Webjournalism. Multitasking. Time. Professionals. Routines.

Introdução

Tempo e jornalismo sempre caminharam juntos. Enquanto o primeiro está atrelado ao aspecto novidade que as notícias carregam na própria etimologia, o segundo contribuiu para a construção de uma “cultura do tempo presente” (FRANCISCATO, 2005, p. 63). Travancas (1993, p. 34-35) lembra que o tempo é preponderante para os jornalistas, já que “este trabalhador explicita a dimensão do tempo com sua produção, apuração e redação de notícias”. No mesmo sentido, Schlesinger (1993, p. 177-178) afirma que “para os jornalistas o domínio da pressão temporal é um meio de manifestar o seu profissionalismo”. Para Traquina (2005, p. 118), a relação entre jornalistas e tempo é estrutural: “Controlados pelo relógio, dedicados ao conceito de atualidade, obcecados pela novidade, os jornalistas estão permanentemente envolvidos numa luta (aparentemente perdida) de reagir aos (últimos) acontecimentos”.

Para analisar a relação entre tempo, jornalismo e produção da notícia, vem à tona a teoria do *newsmaking*, a qual, segundo Wolf (2003, pp. 193-194), “se articula principalmente em dois binários: a cultura profissional dos jornalistas; a organização do trabalho e dos

processos de produção”. Neveu (2006, p. 76) diz que o jornalismo é marcado pela necessidade de uma estrutura que organize a atividade em torno de “uma relação tensa com o tempo”. Alsina (2009) explica que as rotinas de informação têm papel importante no trabalho jornalístico diante de acontecimentos de última hora. Tuchman (apud WOLF, 2003, p. 196) assevera que, “sem uma certa rotina de que se possam valer para fazer frente aos acontecimentos imprevistos, as organizações jornalísticas, como empreendimentos racionais, faliriam”. O jornalista tem que decidir rapidamente sobre cada aspecto a ser editado. Do contrário, não cumprirá prazos. Também há uma “superabundância de acontecimentos”, como observa Wolf, os quais é necessário dosar e selecionar. Critérios de noticiabilidade dos eventos foram organizados para orientar o trabalho dos *gatekeepers* e agilizar as escolhas.

Deuze (2006) usou Bauman para cunhar o termo “jornalismo líquido”, que significa o jornalismo praticado na modernidade líquida, onde os objetos, as relações e a existência da humanidade em si são voláteis e fluidos, dificultando o exercício da profissão. Deuze (2006, p. 4, tradução nossa) acusa o jornalismo de não ter mudado seu modo de produção e assim reproduzir a sociedade hegemônica: “A mídia como instituição social não escapa à sensação de acelerada, inquietante mudança permeando a líquida vida moderna, e é exatamente com essa noção de fluxo volátil, incerto (global e local) que o jornalismo profissional não consegue chegar a um acordo”.

No webjornalismo, há uma ideia de produção e distribuição de notícias em “tempo real”, de instantaneidade, da qual trata Bradshaw (2014). Kucinski (2004) explica que o “tempo real” não surgiu com a internet e o webjornalismo, pois já fazia parte das transmissões ao vivo por telégrafo, rádio e televisão. Franciscato (2005, p. 240) lembra que, embora o jornalismo em “tempo real” vise “superar, técnica e concretamente, a defasagem entre o tempo do movimento das coisas do mundo e o tempo da produção jornalística”, existe uma mediação do profissional e do veículo que não pode ser superada.

Mas a instantaneidade relacionada ao “tempo real” está estreitamente associada ao jornalismo na web². Para Borges (2009, p. 21), o “tempo real” se expressa fortemente nas rotinas produtivas do webjornalismo, pois presume uma “obrigatória redução máxima do tempo entre o acontecido e a publicação”. Na web, o “tempo real”

também pode ser entendido como a prática em que os repórteres cobrem acontecimentos no momento da ocorrência e enviam matérias imediatamente para a redação.

Sobre a relação entre tempo e processo produtivo no webjornalismo, a pressão do tempo faz parte do trabalho minuto a minuto. Soma-se ao contexto a necessidade de vencer a concorrência em tempo, ineditismo e quantidade de material produzido, e informar o leitor conectado à internet por múltiplas plataformas, assim como sugere o chamado “fetiche da velocidade”, tratado por Moretzsohn (2002, p. 12). Para Signates (2012, p. 440), o advento da internet provocou uma potencialização do fenômeno da presentificação no jornalismo, ocasionando o desaparecimento do *deadline*, já que “a velocidade dos processos comunicacionais viabilizada pela grande rede interferiu violentamente na duração das notícias, tornando extremamente rápido o seu envelhecimento”. Como comparação entre o tempo na produção da notícia na web e em outras mídias, constata-se que no impresso, por exemplo, o intervalo entre as edições do jornal é de um dia. Nas programações de TV e rádio, também existem intervalos comerciais e com transmissão de outras atrações. Na web, é difícil imaginar o intervalo existente entre a veiculação de notícias. Na verdade, as próprias sinalizações de horários de publicação de matérias funcionam como um relógio que mostra há quanto tempo o veículo de web não publica nada. A pressão pelo novo dentro de um intervalo de tempo muito curto se afigura como mais um fator de tensão ao webjornalista, na busca por acontecimentos ou apressando apurações em curso.

De um lado, o público sedento por novidades. De outro, veículos interessados em ultrapassar a concorrência. No meio, o profissional – o webjornalista –, que desenvolve um trabalho exigindo múltiplas tarefas e responsabilidade de produção em tempo exíguo. Este artigo tem como objetivo trazer à tona as múltiplas funções e papéis desempenhados pelos webjornalistas, dentro de um processo de produção da notícia cada dia mais célere, e entender se e como as novas atribuições potencializam a pressão do tempo nas rotinas produtivas. Pretende-se ainda suscitar reflexão sobre o trabalho que os webjornalistas exercem na redação jornalística convergente.

Produção em meio à convergência

Para entender o contexto das multitarefas nas redações de jornalismo, é preciso lembrar que o debate sobre convergência tecnológica tomou conta das redações brasileiras a partir de 2008, com um processo de fusão entre redações de mídia impressa e on-line (ADGHIRNI, 2012, p. 74): “A convergência de conteúdos em textos, áudio e vídeo rumo a plataformas desconfigura o modo tradicional de produzir e impõe uma carga de trabalho ininterrupta aos jornalistas”. Ainda no contexto dos jornais impressos, Maia e Agnez (2015, p. 219-220) destacam que, com a convergência jornalística, “um dos maiores impactos foi relativo ao ritmo imposto pelo ‘tempo real’ e à submissão cada vez maior à necessidade de agilidade”.

O fenômeno da convergência pressupõe mudanças de cunho tecnológico, de mercado, cultural e social (JENKINS, 2009). Para Salaverría (2003), há quatro dimensões da convergência –empresarial, tecnológica, comunicativa e profissional – que denotam utilização da internet nas rotinas produtivas; avanço tecnológico nas redações; mudanças no discurso informativo; e novas atribuições dos jornalistas. Salaverría (2014, p. 28) explica que, conforme as empresas de jornalismo evoluíram, passaram a “poupar custos mediante a implementação de um perfil de profissionais capazes de desempenhar tarefas que outrora eram realizadas por várias pessoas”. O autor destaca a multimídia no contexto de multiplataforma e de polivalência. A primeira diz respeito a empresas em que há integração de meios em uma cobertura jornalística, em um contexto de convergência tecnológica. Já a multimídia como polivalência representa a polivalência dos jornalistas, sendo assim a capacidade desses profissionais de realizar várias atividades. Tal polivalência, segundo o autor, pode referir-se ao cenário em que: o jornalista opera meios diferentes ao mesmo tempo (polivalência midiática); produz notícias de temas diversos (polivalência temática); e desempenha multitarefas, com várias funções na equipe (polivalência funcional).

É certo que os tradicionais jornalistas de impresso passam por diversos desafios no modo de fazer jornalismo a partir das mudanças em direção a uma redação convergente. Mas também cabe o questionamento sobre os impactos da convergência no trabalho dos webjornalistas, ou seja, aqueles profissionais

que iniciaram carreira na web e que produzem conteúdos especificamente para essa mídia, e como se dá a realização de multitarefas em seu trabalho.

Gordon (2003, p. 72, tradução nossa) explica que, em termos de contar histórias de modo convergente, o trabalho dos jornalistas tradicionais pouco mudou: “Pode ser uma coisa boa para as empresas de mídia de hoje que a completa convergência tecnológica ainda não esteja sobre nós. E, para os jornalistas avessos à mudança, que gostam de como têm feito jornalismo tradicionalmente, a relativa falta de mudança é reconfortante”. Pode ser que a convergência ainda esteja inacabada dentro das redações que se propuseram a isso, em uma dinâmica na qual os chamados webjornalistas produzam para a web e para o impresso, mas que, não necessariamente, o contrário aconteça. Entre os motivos para tal configuração pode estar o fato de muitos jornalistas de impresso ainda não dominarem certas ferramentas – como sistemas de publicação de notícias e programas de edição de fotos e vídeos, além de redes sociais. Será que para os webjornalistas, acostumados a tarefas como essas e que também trabalham em meio à urgência de noticiar, a quantidade de tarefas a serem desempenhadas tensionaria ainda mais o tempo?

Por lidar diretamente com a tecnologia, o webjornalista pode se multiplicar para combinar produção de áudio, vídeo e foto com várias tarefas (selecionar fatos, organizar a pauta, apurar, redigir, fotografar, diagramar a notícia no sistema de publicação, publicar o conteúdo final no site e nas redes sociais). As múltiplas funções poderiam tornar o profissional mais autônomo e completo, ao mesmo tempo em que estaria sobrecarregado de tarefas? Adghirni (2002, p. 145) lembra que, no webjornalismo, as rotinas são “infernais” e atesta: “A diferença essencial entre jornalistas da mídia tradicional e da mídia digital reside no ritmo das rotinas produtivas”.

Potencialidades = + atribuições

Palacios (2004) classificou seis características do jornalismo on-line: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, customização do conteúdo/personalização, memória e instantaneidade/atualização contínua. Pavlik (2014,

p. 160) acrescentou a ubiquidade, que significa “ser encontrado em todo lugar”. Para Canavilhas (2014), cada um dos aspectos diferencia o jornalismo na web do jornalismo em outros meios. Reunidos, dialogam com as multitarefas realizadas pelo produtor de conteúdos na web. No webjornalismo, ao se narrar um acontecimento, pode-se contar a história por meio de imagem, texto e som, em um processo em que várias mídias convergem para oferecer novas experiências de leitura.

Em seguida, analisaremos as características do jornalismo desenvolvido na web à luz das tarefas do webjornalista.

1) Multimídia/ convergência – Palacios (2003) afirma que a convergência deriva do processo de digitalização da informação e sua distribuição em múltiplas plataformas e suportes, e a multimídia refere-se à agregação de imagem e som às narrativas textuais. Para Salaverría, Avilès e Masip (2007), no modelo de jornalismo convergente, os jornalistas elaboram conteúdos para múltiplas plataformas, com a linguagem específica de cada uma. Notamos, portanto, que o jornalista, além de ser multiplataforma, é multimodal, ou seja, exerce o seu ofício por muitos meios e modos de comunicação.

2) Interatividade – A interatividade permite aos webjornalistas e leitores estreitar a interação no processo de comunicação. Rost (2014) lembra que há duas dimensões para a interatividade: uma em que os leitores recebem e reagem aos conteúdos (seletiva) e outra em que estes também produzem novos conteúdos (comunicativa). Muitas vezes, a divulgação de conteúdo em redes sociais e a moderação de comentários em matérias são realizadas pelo próprio profissional (BRADSHAW, 2014).

3) Hipertextualidade – Segundo Palacios (2003), a hipertextualidade permite a conexão entre conteúdos, ligados por meio de *links*. Para conferir a um conteúdo hipertextualidade, o webjornalista pode congrega outras tarefas no momento da publicação: proporciona a indexação com *tags*; adiciona *links* dentro da matéria e insere *links* externos, como “saiba mais” e “leia mais”.

4) Customização do conteúdo/personalização – Alguns sites permitem a seleção de temas segundo hierarquia determinada pelo usuário, e também formatos escolhidos de apresentação da notícia (PALACIOS, 2003). Os webjornalistas trabalham de olho no número de visualizações e podem potencializar ou desativar conteúdos de acordo com a recepção. Lorenz (2014) lembra que

as redes sociais podem levar conteúdos a audiências específicas, possibilitando ao usuário escolher o que deseja acessar.

5) Memória – Os adendos (*links, tags*) inseridos nas matérias pelos profissionais tornarão possível que os conteúdos sejam vinculados uns aos outros e facilmente encontrados a partir de buscadores na internet. Além disso, como não há limites de espaço, o meio permite a inserção de grande volume de informações. Assim, o que é produzido fica disponível nos sites de notícias e em bancos de dados, formando-se uma memória coletiva (PALACIOS, 2003), a qual também é possibilitada pela própria hipertextualidade.

6) Instantaneidade/atualização contínua – A tecnologia na qual está inserido o webjornalismo permite que os conteúdos sofram atualização contínua (PALACIOS, 2003), feita pelo próprio produtor do conteúdo, à medida que são apuradas novas informações sobre um determinado fato, ou por outros jornalistas.

7) Ubiquidade – A computação atualmente é ubíqua, penetrando no mundo e em nossa vida. Diz-se, em computação, que um artefato eletrônico é ubíquo quando sua arquitetura permite a implantação de recursos independente de condições espaciais e temporais de utilização, como é o caso dos dispositivos móveis. A disponibilidade de notícias nesses suportes pode acrescentar mais uma tarefa aos webjornalistas.

Observa-se que as características do jornalismo em rede tensionam a atividade profissional e trazem desafios. No Quadro 1, fazemos uma compilação das tarefas realizadas nas redações pelos webjornalistas. Sem a preocupação de esgotar o tema – pois a cada dia são acrescentadas novas atribuições ao fazer jornalístico na web – registramos aqui algumas das funções exercidas, fazendo a relação com o tempo em que devem ser cumpridas. Na coluna 1, mostramos as etapas da rotina produtiva (Pauta, Apuração, Verificação, Redação e Publicação). A coluna 2 apresenta as exigências sobre o webjornalista, o conhecimento que ele deve ter e o foco do processo. Já a coluna 3 pretende esclarecer em que velocidade o jornalista precisa exercer a tarefa (planejamento prévio/ publicação imediata/ tratamento posterior).

Quadro 1 – Focos de pressão sobre o webjornalista

Rotina	Foco/ funções	Exigências/ tarefas	Tempo
PAUTA	Sugerir e descobrir histórias Pesquisar dados Interpretar e contextualizar fatos Relatar	Criatividade Inovação Atualização Habilidade de seleção e interpretação de fatos	Imediato
APURAÇÃO	Selecionar Entrevistar Produzir texto, imagem, vídeo e áudio	Seleção de fontes Seleção de personagens Seleção de dados Seleção de documentos Precisão Persistência Atualização	Prévio Imediato
VERIFICAÇÃO	Comparar Analisar Checar	Paciência Precisão Capacidade de contextualização	Imediato
REDAÇÃO	Escrever o texto jornalístico Determinar formato da notícia Inserir texto/ imagem/ som Colocar <i>links/ tags</i> Editar	Criatividade Clareza Conhecimento das normas de redação Conhecimento de indexação	Prévio Imediato Posterior
EDIÇÃO	Corrigir Adequar Redigir Inserir texto/ imagem/ som Colocar <i>links</i> Editar e formatar a notícia	Capacidade de contextualização Conhecimento das normas de redação e da política organizacional Atualização	Imediato Posterior
PUBLICAÇÃO	Adequar o texto às Normas de Redação Publicar no site e nas redes sociais	Criatividade Conhecimento das Normas de redação Atualização Conhecimento de edição Senso comum e senso político Preocupação com o furo Conhecimento de sites e redes sociais	Prévio Imediato Posterior

Fonte: Autoras

Somente a publicação em redes sociais pressupõe um arsenal de procedimentos que possibilitem, não só a disponibilização de conteúdo, o que seria simples a princípio, como a constante avaliação das métricas e o uso de tecnologias para que o material atinja o público, como os chamados Search Engine Optimizers (SEO), ferramentas de otimização de buscas. Afora a atualização constante, o webjornalista encarregado de colocar conteúdo nas redes sociais pode absorver e concentrar em si mesmo as etapas de seleção, edição (de imagens, gráficos etc., incluindo checagem de informações), publicação e moderação de comentários, tudo a um só tempo. Obviamente, as exigências de criatividade, capacidade de interpretação e contextualização e atualização parecem ser elementos da profissão do jornalista, mais ainda do profissional da web. Qualificamos, ademais, a pressão do relógio sobre cada fase de produção, ligada à corrida pelo furo, pelo hábito da primazia na disponibilização do novo, da novidade, do curioso e do relevante, inerente a todos os tipos de jornalismo pela própria origem do termo *jour* (do francês, que gerou *journalisme*) e significa *dia*, ou estar *a par do dia* (JORGE, 2013).

Parece que a digitalização está naturalizada nas redações. Se os veículos deram um salto e lançaram produtos específicos para a web, o âmbito das relações humanas e trabalhistas nas empresas pode sugerir uma concentração de tarefas e modos de produção nas mãos dos profissionais. Por um lado, isso demonstra a interdisciplinaridade da profissão e a maleabilidade do jornalista para se adaptar às novas tecnologias. Por outro, esse aspecto, em alguns países, agravado, como ressaltamos, pelo ingrediente da velocidade – característico do capitalismo –, retrata um cenário de exploração da mais-valia do trabalho jornalístico pelas organizações.

Para este artigo, a análise do processo de produção da notícia será feita levando-se em conta as etapas do Quadro 1: 1) a pauta, quando o webjornalista tem de organizar o desenvolvimento das informações; 2) a apuração, na qual o webjornalista apura, pesquisa e realiza entrevistas; 3) a checagem de informações com fontes e dados; 4) a redação, momento em que o profissional organiza o que foi apurado e escreve; 5) a edição, quando é feita revisão tanto da apuração quanto da escrita, baseada nas regras ortográficas e de estilo

do veículo; e 6) a publicação, na qual o webjornalista organiza em um sistema de publicação virtual todos os elementos que compõem a notícia e dispara o conteúdo final no site do veículo, além de redes sociais, se for o caso.

Este artigo se propõe a mostrar que, no que se refere à sistematização do trabalho jornalístico na web, muitos profissionais podem concentrar múltiplas tarefas e modos de produção – em um contexto de rapidez na publicação de conteúdo – com relativa autonomia do profissional, o que termina por gerar pressão de tempo sobre as rotinas do webjornalismo.

Metodologia

Para analisar como as multitarefas potencializam a pressão do tempo nas rotinas dos webjornalistas, foram aplicadas entrevistas em profundidade, que exploram o tema a partir de interpretações dos entrevistados ao descreverem processos (DUARTE, 2012). Para Gil (1999), a entrevista tem como vantagens a flexibilidade das perguntas e as expressões físicas dos respondentes. Para Broustau et al (2012, p. 16), a entrevista “atravessa e alimenta interações e dinâmicas complexas em torno de uma variedade de assuntos”. Nesta pesquisa, os relatos em profundidade mostram como os webjornalistas veem o trabalho, com opiniões e descrições do processo produtivo. As entrevistas são semiabertas e com questões semiestruturadas, desdobradas em subquestões (DUARTE, 2012).

A escolha do *corpus* se deu a partir do “juízo particular” (DUARTE, 2012, p. 69) das pesquisadoras. O *corpus* é formado por três webjornalistas mulheres de dois sites jornalísticos de Brasília – que trabalham em redações majoritariamente formadas por mulheres –, seguindo a realidade brasileira em que o jornalismo é composto de 63,7% de mulheres (MICK; LIMA, 2013). Mesmo assim, levou-se em conta a heterogeneidade das entrevistadas na trajetória dentro do jornalismo: a primeira delas é repórter oriunda do meio impresso; a segunda, originalmente repórter de web; e a terceira, profissional da web, mas em cargo de subchefia.

A pesquisa foi realizada após autorização das redações, precedida de negociação. Em um dos veículos, as entrevistas

foram feitas na redação, e, no outro, apenas no prédio da empresa. As conversas tiveram duração média de uma hora e foram registradas com anotações e gravações em áudio, conforme consentido pelas entrevistadas. As participantes não quiseram ser identificadas. Um prévio conhecimento da entrevistadora com o ambiente de trabalho e os personagens facilitou a aproximação, no sentido de “despertar relatos autênticos da experiência subjetiva” (SILVERMAN, 2009, p. 119), como se pretendia. O interesse particular desta pesquisa seria a experiência vivida, o que poderia agregar ao estudo o componente de autenticidade, levando-se em conta que as redações jornalísticas brasileiras se assemelham em termos de uso de tecnologias, aumento da carga de trabalho, concentração de funções nas mãos de reduzidos profissionais, pressão do tempo e competição empresarial (JORGE et al, 2016).

As narrativas trouxeram constância e variações nos relatos, cujos dados foram organizados e transformados nas seguintes categorias de análise: quantidade de conteúdo produzido; atribuições do profissional; auto-comparação com outros profissionais; e relação entre tempo e trabalho, com base em aspectos relacionados a multitarefas, rotinas produtivas e tempo. A descoberta de pontos de semelhança nos dados forneceu a base para o levantamento de inferências sobre a relação entre as práticas produtivas na web e a tensão que o tempo exerce sobre os profissionais dentro do universo pesquisado.

As entrevistas

Neste artigo, apresentam-se os resultados de conversas semiestruturadas. Podemos afirmar que as entrevistas são significativas como testemunhos de uma realidade atual nas redações jornalísticas com relação à figura deste personagem cuja existência é de pouco mais de 20 anos: o webjornalista.

A Entrevistada 1 (2015), oriunda de jornais impressos diários, passa por um processo de adaptação às rotinas da web. Ela explica que realiza várias atividades ao mesmo tempo, e afirma “ter-se tornado uma profissional multitarefas”: “Você tem que resolver um monte de coisas ao mesmo tempo [...]. A rotina de hoje é muito pior”. Ela comenta a dificuldade em compor todos

os elementos da notícia na web – título, *tags*, “leia mais”, fotos, vídeos, etc., a que chama de “trabalho braçal” –, o que é diferente do impresso: “Repórter do impresso não escreve título, nem sutia, nem legenda. Ele não sabe fazer isso. Não sabe mesmo. Aqui [no site], tive de aprender”, assume. Ela também destaca que tais atribuições fazem com que ela perca tempo na apuração e redação e se desconcentre do objetivo de “furar os outros, dar a notícia primeiro”.

A Entrevistada 2 (2015) diz que não costuma apurar informações fora da redação, sendo que a maioria delas é adquirida por meio de recursos como WhatsApp e e-mail: “A apuração ficou um pouquinho mais independente de você estar lá no local. Para o webjornalismo, como a gente precisa da agilidade, que é o principal do nosso trabalho, muitas vezes não é necessário ir para a rua”. A Entrevistada 3 (2015) convive com esse dilema: ela associa o ato de ir para a rua fazer reportagens a “perda de tempo”, apesar de considerar a prática importante:

Acho que lugar de repórter é na rua. Mas fico muito angustiada de sair porque tenho medo de estar perdendo tempo [...]. Então, eu evito ir para a rua. Muita coisa dá para resolver e adiantar por telefone. Até mostro para os estagiários o tanto de informações que conseguimos apurar somente por telefone. [...] Lugar de repórter é na rua. Ficar na redação limita, *emburrece*. [...] Por outro lado, se a gente for para a rua, terá menos textos no ar (Entrevistada 3, grifo nosso).

A Entrevistada 2 ressalta a produção nas rotinas e diz que chega a editar 50 matérias por dia:

É um turbilhão de coisas acontecendo, mas você consegue lidar com aquilo. [...] Tem dia que tem muita coisa e você fica muito cheio. Mas aquele caos já passou a fazer parte da rotina. Eu sei lidar e acho que é isso que o mercado hoje espera que a gente seja: cada vez mais rápido, capaz de apurar mais fontes no menor tempo possível e ter um conteúdo bom e que repercuta. É um desafio (Entrevistada 2).

A Entrevistada 2 (2015) também destaca o fato de que, na web, maneja todas as mídias ao mesmo tempo. Ela também considera que, por ser webjornalista, é uma profissional mais multitarefas do que profissionais de outras mídias: “Nós temos que colocar texto, atrativos do texto [...], tudo o que vai fazer a matéria dar mais audiência. No impresso, são muitas pessoas envolvidas em um processo. Para a gente, do on-line, são muitas coisas para uma pessoa só fazer”.

A Entrevistada 1 também se considera uma profissional mais multitarefas com relação a profissionais de outras mídias: “Faço mais coisas ao mesmo tempo. Tenho mais funções e tenho de executá-las de forma mais rápida”. Para ela, o trabalho do webjornalista se diferencia do trabalho de jornalistas de outros setores no que diz respeito à produção:

Na TV, o trabalho do produtor adianta a vida do repórter. A tarefa de fazer título e legenda [...] passa por outras mãos. Na web, é diferente no sentido da mão de obra, mesmo. [...] Às vezes, a questão do tempo atrapalha porque o volume de matérias faz com que você apure menos do que apuraria se estivesse no jornal impresso, onde você só está com um tema (Entrevistada 1).

A Entrevistada 3 compara o trabalho que desenvolve na web com o dos jornalistas de TV: “No caso da internet, quem está com a pauta, seja repórter, seja estagiário, é dono de todo o processo”:

[Na web] Se você pega uma matéria, tem que fazer tudo. A pessoa não vai pegar um pedacinho e a outra completar. Isso não existe. Na TV, o produtor realiza a apuração. O repórter complementa e às vezes nem isso. O editor ainda ajusta o texto. Então, me parece que na TV (onde eu tenho uma noção melhor sobre o trabalho), é muito segmentado. No nosso caso, você tem domínio sobre o processo do início ao fim. Pode até ser que algum colega te ajude porque é um assunto que exige divisão, mas, em geral, o processo todo é da pessoa responsável por aquela notícia (Entrevistada 3).

A Entrevistada 3 também se considera mais multitarefas do que profissionais de outras mídias: “A gente faz tudo. Faz foto e vídeo da própria matéria. Vai atrás de todo mundo, vai pensar num gráfico. Acho que isso acaba tornando a gente um profissional mais múltiplo”. Segundo ela, a necessidade de o profissional ser multitarefas na web potencializa a pressão do tempo no processo de produção da notícia: “Você tem que fazer tudo corrido. [...] Isso já é tão parte do nosso trabalho, que a gente acha estranho os outros, das outras mídias, não serem assim”, finaliza.

Assinala-se que as webjornalistas se consideram mais multitarefas que jornalistas do mesmo veículo ou de mídias distintas. Assim como valorizam a grande produção de conteúdo na web, consideram esse aspecto e as tarefas como fatores que tensionam o trabalho. Ter de compor a notícia com determinados elementos é destacado por uma das entrevistadas

como um trabalho cansativo. Ao relatar as rotinas, elas também destacam termos relacionados ao tempo, como “agilidade” e “rapidez”, além de mostrarem relação com a instantaneidade e a ideia de “tempo real”, ao enfatizar a necessidade de “dar a notícia primeiro”. As entrevistadas, representantes de um microcosmo que as coloca como mulheres, jornalistas e cidadãs expõem vantagens e desvantagens de ser webjornalistas: enquanto a convergência de mídias é tida como positiva, o fato de não fazerem muitas reportagens na rua é visto como uma consequência da “falta de tempo” ou, de outra parte, como “perda de tempo”, possível contradição que dialoga com a quantidade de tarefas que devem desempenhar na alimentação de espaços eletrônicos na web.

Considerações finais

Existe todo um campo que precisa ser melhor explorado na relação dos profissionais do jornalismo com as novas ferramentas, o ambiente digital e as exigências cada vez mais severas de atualização que incidem sobre eles mesmos e sobre o entorno digital. A partir deste artigo, pretende-se aprofundar as relações entre tempo e multitarefas nas rotinas dos webjornalistas, na tentativa de destacar as particularidades do trabalho na web e propor melhorias para as condições dos profissionais.

Ao se discutir a relação entre as tarefas, a multimodalidade de webjornalistas e a pressão do tempo nas rotinas produtivas percebeu-se que os profissionais da web constantemente se comparam com jornalistas de outras mídias: eles se veem como autênticos “donos da notícia”, por perfazer toda a trajetória de construção da notícia, da idealização até a publicação. Ou seja, não é raro que todo o processo de produção da notícia fique concentrado nas mãos de um só profissional.

Esse sentimento, junto à ideia de primazia, agregado à complexificação de funções e papéis numa web-redação e ao *deadline* contínuo, comprovam a ideia de que, se o jornalista de antigamente entregava sua vida à profissão, como dizia Travancas (1993), o de hoje entrega sua alma e todo o tempo disponível. Neste artigo, tais aspectos são analisados levando-se em conta a teoria do *newsmaking*, examinando a cultura profissional dos jornalistas e

a organização do trabalho e dos processos de produção, conforme Wolf (2003). Considera-se o fator tempo como latente no jornalismo e a ideia de “tempo real”, nas rotinas produtivas do webjornalismo, como um aspecto que reforça a premissa de produção e publicação de notícias o mais rápido possível, dentro da pressão mercadológica forçada pela concorrência, conforme Moretzsohn (2002). No que diz respeito aos profissionais que produzem conteúdos na web e para a web especificamente, observa-se que suas rotinas possuem particularidades – como a multiplicidade de tarefas – capazes de agravar a pressão do tempo na produção da notícia, além de gerar outras consequências para o trabalho, como mudança nos padrões editoriais, alterações na cultura organizacional e transformações no produto.

NOTAS

- 1 Uma versão inicial deste trabalho foi apresentada no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, em maio de 2016.
- 2 Usamos, para este artigo, os termos *jornalismo na internet*, *webjornalismo* e *jornalismo na web* como sinônimos da atividade em ambiente digital.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. Informação online: jornalista ou produtor de conteúdos? **Contracampo**, Rio de Janeiro - UFF, v. 6, p. 137-152, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/470>> Acesso em: set. 2015.

ADGHIRNI, Zélia Leal. Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In: ADGHIRNI, Zélia Leal; PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira (Orgs.). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Editora Insular, 2012, p. 61-79.

ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Trad. Jacob A. Pierce.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BORGES, Juliano. **Webjornalismo**: política e jornalismo em tempo real. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 111-136.

BROUSTAU, Nadège; JEANNE-PERRIER, Valérie; LE CAM, Florence; PEREIRA, Fábio Henrique. A entrevista de pesquisa com jornalistas: introdução. **Sobre jornalismo**, vol. 1, n. 1, pp. 14-20, 2012. Disponível em: <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/17/12>>. Acesso em: set. 2016.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

DEUZE, Mark. **Liquid Journalism** (Working Paper, 2006). Disponível em: <https://www.academia.edu/709256/Liquid_journalism>. Acesso em: abr. 2016.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012, p. 62-83.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Aracaju: Editora UFS, Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GORDON, Rich. The Meanings and Implications of Convergence. In: KAWAMOTO, Kevin (Org.). **Digital Journalism**: Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism. Lanham: The Rowman & Littlefield Publishing Group, 2003, p. 57-73.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, Thais de Mendonça. **Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

JORGE, Thais de Mendonça; CARDOSO, Suzana Guedes; OLIVEIRA, Edgard Costa; NETO, Benedito Medeiros. Experiências de convergência no Brasil e na Costa Rica. Análise do processo de integração de redações jornalísticas. Os casos de *Correio Braziliense*, *O Globo* e *La Nación*. In: XIII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES

DE COMUNICACIÓN, 2016, Cuajimalpa, Cidade do México. **Memorias de Congreso Alaic** 2016. Cidade do México: Universidad Autónoma de México, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era digital**: Ensaio sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Unesp, 2004.

LORENZ, Mirko. Personalização: Análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 137-158.

MAIA, Kênia; AGNEZ, Luciane Fassarella. A convergência na produção da notícia: dois modelos de integração entre meio impresso e digital. In: MOURA, Dione; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). **Mudanças e permanência do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 217-233.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Trad. Daniela Dariano. São Paulo: Loyola, 2006.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. **Revista PJ: BR Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, São Paulo, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: out. 2015.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias. PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: GJOL/ Calandra, 2003, p. 17-37.

PAVLIK, John. Ubiquidade: o 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 159-184.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 53-88.

SALAVERRÍA, Ramón. Convergencia de los medios. **Revista Latinoamericana de Comunicación CHASQUI**, Equador, n. 81, p. 32-39, 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/160/16008105.pdf>>. Acesso em: set. 2016.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÈS, José Alberto; MASIP, Pere. Convergencia periodística. Propuesta de definición teórica y operativa.

In: I COLÓQUIO INTERNACIONAL BRASIL-ESPANHA SOBRE CIBERMEIOS, 2007, Salvador, Bahia. Documento de trabalho original e inédito elaborado para el proyecto "Convergencia digital en los medios de comunicación" (SEJ 2006-14828-C06). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 25-52.

SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993, p. 177-190.

SIGNATES, Luiz. Jornalismo e internet: 10 sinais de uma mudança de lugar. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012, p. 429-449.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos**. Métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Entrevistas

Entrevistada 1. **Entrevista**. Brasília, 8 out. 2015.

Entrevistada 2. **Entrevista**. Brasília, 7 out. 2015.

Entrevistada 3. **Entrevista**. Brasília, 16 out. 2015.

Sarita González Fernandes. Mestra em Comunicação Social na Linha de Pesquisa Jornalismo e Sociedade pela Universidade de Brasília (UnB). Durante o mestrado foi bolsista pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF). Integrante do Laboratório de Experimentação em Linguagens em Dispositivos Móveis (Labdim), Universidade de Brasília, Brasil.

Thaís de Mendonça Jorge. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, mestra em Ciência Política e doutora em Comunicação pela UnB, com estágio posdoutoral na Universidade de Navarra (Espanha). Integrante do Laboratório de Experimentação em Linguagens em Dispositivos Móveis (Labdim), Universidade de Brasília, Brasil.

RECEBIDO EM: 30/05/2016 | ACEITO EM: 18/10/2016